



Dom Frei Manoel Delson
Pedreira da Cruz,
OFMCap.

HABITAR A CIDADE COM



a Alegria do *Evangelho*

“Habituarei no meio deles e com eles caminharei.” (Ex 25.8)

**1ª Carta Pastoral à
Arquidiocese da Paraíba
2020 - 2023**

Referências da Identidade Visual

As cores remetem aos tons de marrom, geralmente usados pelos franciscanos, trazendo uma identidade do Bispo, autor desta Carta Pastoral. A logo central nos traz a cidade destacada através dos vetores dos prédios e o interior da nossa Arquidiocese que, apesar de árido, também possui tons de verdes de acordo com sua vegetação. O azul dos raios na lateral remetem ao azul do nosso céu claro, vetorizado como um sinal de propagação do centro para fora. A Cruz, em destaque, está posicionada no meio, entre a cidade e o campo. As imagens ao fundo, um pouco desfocadas, nos trazem os dois cenários.



“Habituarei no meio deles e com eles caminharei.” (Ex 25.8)

**Carta Pastoral
à Arquidiocesana da Paraíba**

Dom Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz, OFMCap
João Pessoa, 22 de fevereiro de 2020

Arquidiocese da Paraíba

Praça Dom Aduino, s/n - Centro
58010-670 - João Pessoa - PB
www.arquidiocesepb.org.br

**Coordenação
Arquidiocesana de Pastoral**

cpastoral@arquidiocesepb.org.br

Diagramação

Josemar Firino de Almeida

Imagem da Capa

IDE Produtora



Dom Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz, OFM Cap
Arcebispo Metropolitano da Paraíba

**Aos Caríssimos Sacerdotes, Diáconos, Religiosos e Religiosas,
Ao Amado Povo de Deus e suas Organizações
Arquidiocese da Paraíba**

Queridos irmãos e irmãs,

A todos vós, “graça e paz da parte de Deus, nosso Pai!

1. *Nas contínuas orações, que por vós fazemos, damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, porque temos ouvido falar da vossa fé em Jesus Cristo e da vossa caridade com os irmãos, em vista da esperança que vos está reservada nos céus. Esperança que vos foi transmitida pela pregação da verdade do Evangelho, que chegou até vós, assim como toma incremento no mundo inteiro e produz frutos sempre mais abundantes”* (Colossenses 1, 2-6). Com esta saudação do Apóstolo Paulo, quero abençoar a todos e elevar a Deus, Trindade Santa, um hino de louvor e gratidão pelo dom da fé, que reina em nossos corações, nesta porção do povo de Deus que é a nossa amada e centenária Arquidiocese da Paraíba.

2. Recordo com viva gratidão a nossa última Assembleia Arquidiocesana de Pastoral. Nela vivemos dias intensos de oração, de escuta dos apelos de Deus, de reflexão, diálogo e de planejamento rumo ao futuro, onde Deus já nos espera e onde solicita nosso compromisso evangelizador. Justamente para manifestar essa profunda unidade entre o que vivemos e o que nos propusemos realizar, escolhi como título para esta minha Carta Pastoral o tema da nossa Assembleia: *Habitar a cidade com a Alegria do Evangelho*. Não é um *slogan*, é uma necessidade vital e irrenunciável para nossa ação evan-

gelizadora. Queremos sempre mais motivados pelas pertinentes palavras do Papa Francisco habitar a cidade que nos envolve como uma *Igreja em saída*.

INTRODUÇÃO

3. Vivemos um tempo espiritualmente e pastoralmente desafiador. O Papa Francisco tem recordado a todos nós que “estamos a viver, não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Encontramo-nos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas epocais; constituem opções que transformam rapidamente o modo de viver, de se relacionar, de comunicar e elaborar o pensamento, de comunicar entre as gerações humanas e de compreender e viver a fé e a ciência. (...) A atitude sadia é, antes, deixar-se questionar pelos desafios do tempo presente, individuando-os com as virtudes do discernimento (...) Devemos iniciar processos e não ocupar espaços: ‘Deus manifesta-Se numa revelação histórica, no tempo. O tempo começa os processos, o espaço cristaliza-os. Deus encontra-Se no tempo, nos processos em curso. Não se deve privilegiar os espaços de poder relativamente aos tempos, mesmo longos, dos processos. Devemos preocupar-nos mais com iniciar processos do que com ocupar espaços. Deus manifesta-Se no tempo e está presente nos processos da história. Isto leva a privilegiar as ações que geram novas dinâmicas. E requer paciência, saber esperar’”¹.

4. Convocando-nos para este tempo novo, fecundo das surpresas de Deus, o Papa Francisco indica-nos um horizonte muito claro: viver “uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os hábitos, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (EG 27).

¹ Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios (21 de dezembro de 2019).

Capítulo 1 – A IGREJA NA PARAÍBA, MEMÓRIA E GRATIDÃO

Uma Igreja que caminha ao ritmo do Concílio Vaticano II

5. Diante de nós estão o presente e o futuro. Sem otimismo ingênuos ou pessimismos estéreos, queremos avançar com determinação no entusiasmo evangelizador. Mais de 50 anos se passaram desde o encerramento do Concílio Vaticano II. A Igreja que formamos, e que viveu nesse acontecimento um novo Pentecostes, é chamada em cada dia a voltar às grandes intuições proféticas do Concílio. Ali, a Igreja se redescobriu como “o Povo unido pela Unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4) e como sacramento “da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1). Nunca será demais recordar: esta é a nossa identidade fundamental e a nossa missão: unir e reunir em Deus, com a força da ternura e da misericórdia, todos aqueles que peregrinam em busca de sentido e significado para a sua existência. Como Igreja, na fidelidade ao Senhor da Vida e da História, reafirmamos o nosso compromisso com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS 1).

Em comunhão com o Papa Francisco e as DGAE 2019-2023

6. Com esta carta Pastoral, que a todos dirijo com particular afeto, quero manifestar também, amados irmãos e irmãs, a nossa plena comunhão e fidelidade criativa ao nosso querido Papa Francisco. Com sua simplicidade enraizada no Evangelho, e com seu coração de pai e pastor, ele tem desafiado toda Igreja para um tempo de renovação espiritual e de irrenun-

ciável conversão pastoral, recolocando no centro de toda vida cristã, e de todo agir eclesial, a boa notícia da infinita Misericórdia de Deus. Como ficar indiferente a esta *primavera da misericórdia* com que Deus, pela voz do sucessor de Pedro, nos convoca? É tempo de redobramos nossa oração pelo Papa Francisco e de renovarmos, em nossas comunidades e em nossos corações, nossa fidelidade ao Evangelho. Não podemos adiar nossa conversão missionária. Este é o tempo favorável! Vivamos esta hora, de graça e de misericórdia, com jubilosa alegria.

7. Nossa fidelidade ao Evangelho não é autopreservação nem auto referencialidade, é comunhão eclesial. Quero, portanto, caros diocesanos, reafirmar também a minha comunhão com todos os meus irmãos bispos, que fazem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Temos assistido nos últimos tempos, com dor profunda, a ataques desonestos e infundados que visam minar a comunhão dos bispos e a comunhão da Igreja. Não nos esqueçamos: a unidade da Igreja não se improvisa, ela nasce da fidelidade, da oração e de gestos concretos de comunhão. Peço, encarecidamente, a todos, que rezem pela CNBB, para que vivamos na escuta da voz do Espírito Santo e cumpramos com coragem e humildade a missão que o Senhor nos confia. Em nossa Arquidiocese, seguiremos nosso caminho pastoral e eclesial em plena comunhão com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.

8. Neste chão em que vivemos o dom da fé, nos antecederam grandes pastores que guiaram com sabedoria e prudência os caminhos de nossa Arquidiocese. Recebemos deles uma herança profética de ousadia e de ternura pastoral que não podemos esquecer. Nossa memória agradecida, nos faz cantar nesta hora o *Magnificat*, cântico de jubilosa esperança dos que permanecem abertos ao querer de Deus, e nos faz assumir com determinação novos caminhos para a evangelização.

9. A memória faz brotar também, do meu coração de pastor, uma sublime oração de gratidão a Deus por todo povo de Deus que constitui a Igreja que caminha na Arquidiocese da Paraíba. Nas visitas pastorais que ve-

nho realizando, Deus sempre me surpreende e me faz exultar de alegria, pois em cada encontro ou celebração, posso contemplar, na fé do povo humilde, como Deus “revelou todas as coisas aos pequeninos” (Mt 11, 25). Quero dirigir, nesta hora, um agradecimento muito especial a todos os leigos e leigas que vivem com humilde alegria a sua vocação batismal. Diante de tanta generosidade e compromisso evangelizador, reafirmo que permanece uma urgência diante da cultura urbana em que vivemos: “Temos necessidade de leigos que corram o risco, que sujem as mãos, que não temam os erros, que persistam. Precisamos de leigos com visão do futuro, não fechados nas insignificâncias da vida. (...) temos necessidade de leigos com o sabor da experiência da vida, que ousam sonhar”². Conto com todos vocês para uma “primavera” espiritual e evangelizadora que renove a experiência cristã em nossas paróquias e comunidades.

10. A alegria que senti, desde a primeira hora que pisei, como arcebispo, esta terra bendita da nossa Arquidiocese, tenho-a experimentado também na comunhão e na dedicação, tantas vezes silenciosa e sacrificada, dos meus mais diretos colaboradores, os padres. De coração profundamente agradecido, e também em nome de todo povo santo de Deus, quero dizer a todos os nossos padres: obrigado por todo bem e toda graça que semeiam no coração do nosso povo. Obrigado pela generosidade, pela fiel colaboração e por serem testemunhas felizes da alegria do Evangelho. Nesta gratidão incluo também todos os diáconos permanentes, testemunhas da caridade do Evangelho, e nossos amados seminaristas, para quem olhamos com esperança e a quem acompanhamos com particular dedicação e oração.

11. Nos últimos anos, a Arquidiocese da Paraíba tem vivido, com as Novas Comunidades, um manancial de graças que se expressa na diversidade de Carismas que constituem a Igreja. Quero reafirmar minha gratidão a todas as Comunidades Religiosas e às Novas Comunidades presentes na Arquidiocese, agradecer-lhes o bem que, silenciosamente, vão semeando

2 Papa Francisco, Discurso na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos, 17 de junho de 2016. A totalidade do Discurso pode ser lida em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160617_plenaria-pc-laici.html

e pedir-lhes que, na diversidade e fidelidade a cada um dos Carismas, redobrem seus esforços e generosa colaboração sendo presença profética da Igreja, sobretudo junto das famílias, dos mais pobres e dos jovens.

Capítulo 2 – CONTEMPLATIVOS DE UM MUNDO EM MUDANÇA

Um olhar e coração de discípulos missionários

12. Ao contemplar a realidade com os olhos e coração de discípulos missionários, vislumbramos esperança e futuro, animados pela certeza de que Deus nos fala e nos espera, em cada acontecimento da vida. Ao mesmo tempo, experimentamos também “ao contemplar as cidades com seus inúmeros desafios, muitas formas de sofrimento, dentre as quais, a pobreza, o desemprego, as condições precárias de trabalho e habitação, a devastação ambiental, a violência e a solidão” (DGAE nº 30).

13. Na realidade social e política em que vivemos, temos assistido, nos últimos tempos, a um crescendo de violência, que a todos deixa com permanente sensação de insegurança e a esquemas de corrupção que deixam perplexos, especialmente, os mais pobres, vítimas primeiras do descaso social e político de uma economia, que mata e que reduz tudo e todos a números manipulados pela soberba e capricho de grupos e interesses econômicos mesquinhos. Como sabiamente nos recordou o Papa Francisco: “Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’” (EG 53). Como pode nosso coração de cristãos ficar tranquilo, ou pior, indiferente, diante de tudo isto? Não sentimos nós, o Povo de Deus, a voz de Cristo que nos chama para sermos globalizadores da solidariedade e da compaixão? É urgente que todos se sintam convocados, especialmente os leigos, para promover iniciativas que valorizem, e redescubram, a democracia e a justiça social.

14. A humanidade vive hoje feridas profundas e uma crise de sentido avassaladora. Junta-se a isto um secularismo feroz, que sentimos já presente também em nossa realidade do território arquidiocesano. “Trata-se mais de uma generalizada indiferença relativista, relacionada com a desilusão e a crise das ideologias que se verificou como reação a tudo o que pareça totalitário. Isto não prejudica só a Igreja, mas a vida social em geral. Reconhecemos que, numa cultura onde cada um pretende ser portador de uma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais. Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência. (...) A fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. (...) O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude” (EG 61-63).

15. Frequentemente me questionam sobre “o que devemos fazer? Como devemos reagir?”. Gostaria de dizer a todos, com muita humildade, que, como Bispo, não tenho todas as respostas para as inúmeras questões que o nosso tempo nos coloca. Não se trata de propor uma “receita”, dado que os males e dores que habitam o nosso tempo são parte de uma conjuntura muito ampla e profundamente complexa. Na fé, vivo também, eu, diariamente, a experiência de me encontrar diante dos paradoxos que a todos nos habitam e que habitam o mundo e a cultura urbana em que vivemos. Somos convocados a escutar, admirar, e compreender a mentalidade urbana atual, as cidades, embora algumas vezes consideradas assustadoras, devem ser vistas como um ambiente a ser contemplado, na busca dialogal por perceber Deus já presente no meio delas (EG 71).

16. Aparecida nos recordou que “Deus vive na cidade!” (DAp. 514) e, embora as sombras do tempo presente pareçam querer ofuscar a presença viva e ativa de Deus em nosso meio, há sinais muito positivos, mesmo diante da crise religiosa que vivemos. Gosto de contemplar em nossa Arquidiocese esses sinais de uma fé humilde e servidora nas comunidades de religiosos e religiosas que servem o povo de Deus. Quanto temos que ser gratos a todas elas! Fizeram uma opção que desafia o nosso tempo: ser presença do Cristo pobre, com os pobres. E como podemos esquecer, ou ignorar, o trabalho profético que vem sendo realizado pelas diversas pastorais sociais em nossa Arquidiocese? Não podemos ignorar as iniciativas: Pão e Leite, Casa de Convivência Positiva, Pastoral da Criança, entre tantas outras; em ambas as situações o “segredo” é evidente: estar com o povo, no meio dele, servindo as suas angústias e celebrando as suas esperanças.

17. Para a Igreja, recorda-nos o Papa Francisco, “a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; a imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária (EG 198-200). Trata-se, portanto, não de uma ideologia, como muitos hoje tentam obscurecer esta opção irrenunciável da vida cristã, mas de uma configuração com Cristo e com os mesmos sentimentos de Seu coração (Fl 2, 5-11).

Capítulo 3 – NOVOS DESAFIOS PARA UM TEMPO NOVO

Comunicar a alegria da fé

18. Ao refletir sobre a evangelização no mundo atual, o Papa Francisco recorda-nos que “do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e

missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade, que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior, que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade (...) A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele, que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial” (EG 262-264).

A opção preferencial pelos jovens e pelos pobres

19. É também com esta clarividência espiritual e missionária que convoco a todos para vivermos, em nossa Arquidiocese, um renovado impulso evangelizador com criatividade e ousadia pastoral e para habitarmos com a alegria do Evangelho os novos contextos pastorais e eclesiais que já nos esperam. Convido a todos “a desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isso se torna fonte de uma alegria superior. A missão é uma paixão por Jesus e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor, que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se alonga e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo. Lá descobrimos novamente que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado. Toma-nos do meio do povo e envia-nos ao povo, de tal modo que a nossa identidade não se compreende sem esta pertença” (EG 268).

20. Já o disse anteriormente, e gostaria de reafirmar, que os pobres serão sempre para a Igreja da Arquidiocese da Paraíba os prediletos do coração

de Jesus, “embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofrendo: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados” (EG 210). A atenção e as iniciativas que restituam dignidade ao pobre, não são apenas “boas ações”, elas se inserem, em nossa visão da fé, na promoção da pessoa humana, na defesa da vida desde a sua concepção natural até à sua morte natural, pois somos o povo pela vida, sempre. Vivemos num tempo marcado por sinais permanentes de uma cultura da morte, a cultura do descartável, nesse sentido precisamos de leigos e famílias que, de modo apaixonado, se tornem embaixadores da promoção e defesa da vida em todas as suas fases e circunstâncias.

21. O que se diz em relação aos pobres, temos também de o afirmar em relação aos jovens. Não podemos limitar-nos a contemplar as juventudes e a dizer que os jovens são o futuro do mundo, eles são o presente, estão a enriquecê-lo com a sua contribuição (CV 64). Na Arquidiocese da Paraíba, são numerosos os jovens que se tornam “o agora de Deus” em tantos grupos, movimentos e ministérios. Quero agradecer-lhes a generosidade com que vivem a sua juventude e dizer-lhes que, apesar de todas as crises que possam viver ou muito além de todas as desconfianças que possam experimentar, a Igreja na Arquidiocese da Paraíba é uma mãe de coração escancarado, pronta a acolher o vosso entusiasmo, a enxugar as vossas lágrimas, disponível para se deixar questionar pela vossa irreverência, feliz por celebrar os vossos sonhos e projetos que Deus, mas também corajosa para vos propor itinerários de discernimento de modo que possam saborear, com toda intensidade e profundidade, aquela alegria que só Deus é, e que só Ele vos pode dar.

22. Vejo, com particular esperança, o entusiasmo comunicador de nossa juventude. Sei que as mídias sociais podem ser lugar de distração, solidão ou vidas *fake*, no entanto reafirmo aqui minha fé na juventude que vive na Arquidiocese da Paraíba! A vossa sede de comunicar é um sinal do Evangelho que não podemos ignorar. Quando comunicais uns com os

outros, é Cristo, o grande comunicador do amor do Pai, que deseja habitar as vossas vidas e relações de amizade. Acolhei a Sua presença e escutai Sua voz. Cristo não desilude! Ele, somente Ele, pode oferecer futuro e sentido aos vossos projetos e sonhos. Gostaria de destacar também, neste contexto das juventudes, as diversas iniciativas desenvolvidas no âmbito da Pastoral Universitária. Que elas se multipliquem e sejam fermento evangelizador. Os jovens que vivem no território da nossa Arquidiocese, e aqueles de outras cidades e regiões, que aqui acolhemos durante seu tempo de formação universitária, esperam de nós proximidade e uma presença que os estimule a viver a sabedoria do Evangelho e a discernir os caminhos da vida futura com a luz da fé.

O cuidado com a casa comum

23. Nos últimos tempos, por força de poderes midiáticos que servem interesse de uma economia que mata, assistimos a narrativas que visavam desconstruir e destruir uma convicção, que desde sempre faz parte da fé cristã: proteger a nossa casa comum através da busca de um desenvolvimento sustentável e integral. O Papa Francisco nos alertou, já em 2015, para o fato de que “como humanidade estamos vivendo dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos” (LS 13). Recentemente, o Sínodo para a região Pan-Amazônica voltou a colocar para toda Igreja questionamentos essenciais para o desenvolvimento e aprofundamento de uma ecologia integral. Peço a todos que iniciemos em nossa Arquidiocese grupos de estudo referentes a Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Querida Amazônia”, para que possamos colaborar mais no cuidado da criação, cada um a partir da sua realidade, experiência, iniciativas e capacidades. Gostaria que ao longo dos próximos anos pudéssemos crescer em iniciativas eclesiais, ou de colaboração com a sociedade civil, que visem uma maior consciência ecológica, uma que a ecologia integral é inseparável da noção de bem comum.

Comunidades Eclesiais Missionárias para habitar a cidade com a alegria do Evangelho

24. A comunhão eclesial nos coloca em dinamismo evangelizador e em sintonia com o querer de Deus para o nosso tempo. Por isso, tendo como horizonte o objetivo geral das DGAE 2019-2023 da CNBB, reafirmo a necessidade de também nós, na Arquidiocese da Paraíba, suscitar um renovado dinamismo evangelizador através de Comunidades Eclesiais Missionárias. Não se trata, como já refletimos em nossa última assembleia, de criar estruturas rígidas ou mais uma nomenclatura que usaremos como mero *slogan*. Trata-se de suscitar, animar e acompanhar pequenos grupos de cristãos dispostos a viver iluminados pela Palavra de Deus, nutridos pela Eucaristia e disponíveis para servir cotidianamente as diversas realidades humanas, que se nos apresentam hoje, nos complexos contextos urbanos em que vivemos, com tanta fragilidade e contradição.

25. É decisivo que todos nós, a começar por mim como pastor do Povo santo de Deus, que entendamos, espiritual e existencialmente, que “a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu *sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar” (EG 273). E isto só é possível em comunidades e paróquias, que estejam realmente “em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se tornem uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração.

26. A paróquia deve ser cada vez mais, como nos recorda o Papa Francisco, “o santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário” (EG 28). Nas visitas

pastorais que venho realizando, observo com grande alegria como nossas paróquias estão crescendo em dinamismo evangelizador. No entanto, gostaria de lembrar que o tempo que vivemos é complexo, por isso não podemos nos refugiar numa repetição de modelos do passado ou de uma certa “maquiagem pastoral”. Precisamos ser mais ousados e propor, com audácia, experiências de fé significativas diante da cultura urbana em que vivemos. Apostemos mais fortemente em espaços de formação da fé, de reflexão orante e comunitária da Palavra de Deus. Sonho que em nossa Arquidiocese as nossas paróquias sejam oásis de espiritualidade para os homens e mulheres nossos irmãos; que eles possam encontrar em nossas comunidades a ternura e o afeto, mas também propostas que ofereçam luz e respostas aos complexos desafios da vida cotidiana e suscitem o desejo de viver a alegria do Evangelho.

27. O primeiro a confiar em nós é o próprio Deus! A conversão espiritual e pastoral para a qual Ele nos convoca implica uma profunda revisão de vida, que nos leve a sair do nosso *narcisismo espiritual* para nos tornarmos instrumentos da graça de Deus. Todos conhecemos a célebre oração atribuída a São Francisco de Assis, que começa assim: “*Senhor, fazei-me instrumento...*”. É essa confiança e essa consciência, que devemos deixar que o Espírito Santo, protagonista da missão, gere em todos nós. Ser instrumento dócil nas mãos ternas de Deus, eis o que nos pede e espera de nós o Deus da vida. “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! (...) Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos fecharmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (EG 49).

Capítulo 4 - UMA IGREJA PEREGRINA, SAMARITANA E SINODAL

28. No início desta minha carta, fiz menção à nossa Assembleia Arquidiocesana de Pastoral de 2019, onde refletimos juntos sobre a urgência de *habitar a cidade com a alegria do Evangelho*. Reafirmo aquilo que compartilhei com todos naquela ocasião: a cultura urbana, e não apenas as cidades, é hoje um desafio pastoral imenso. As grandes cidades são laboratórios de uma cultura contemporânea complexa e plural. Precisamos, portanto, de nos abrir a novas experiências, estilos e linguagens, que possam encarnar o Evangelho na cidade. Para enfrentarmos os desafios já presentes, e de enorme alcance no futuro, não serve uma repetição monótona do passado, isto é, um desejo de conservar tudo do jeito que está, como se o mundo fosse uma realidade monolítica. A pedagogia divina nos recorda que o Evangelho é sempre boa notícia e “surpresa” de Deus, também para o nosso tempo!

29. É fundamental lembrar que não vivemos mais no tempo da cristandade. Hoje já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos. Por conseguinte, temos necessidade de uma mudança de mentalidade pastoral. É preciso ter a coragem de realizar uma pastoral evangelizadora audaz e sem receios, porque o homem, a mulher, as famílias e os vários grupos que habitam na cidade, com sua sede interior, esperam de nós essa ousadia³. Importa não esquecermos que, na pastoral urbana, o essencial não são técnicas ou métodos, embora se faça necessário o uso de alguns, o que é verdadeiramente essencial, irrenunciável, é o nosso testemunho, em gestos e palavras, da beleza do amor que salva, em Cristo, para sempre.

30. Precisamos, para manter vivo em nós um ardor missionário capaz de habitar a cidade com a alegria do Evangelho, de uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele “vem em auxílio da nossa fraqueza” (Rm 8, 26). O Espírito Santo, Mestre interior e protagonista da missão, bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. Com esta decidida confiança,

³ Papa Francisco, Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, 27 de novembro de 2014.

o Espírito Santo gera, na Igreja e em todos os batizados, uma espiritualidade de comunhão, isto é, nos faz “ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos, que estão ao nosso redor; sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como “um que faz parte de mim”; saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade; ter a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um “dom para mim”; saber “criar espaço” para o irmão, levando “os fardos uns dos outros” (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes”⁴.

31. Com a inteligência e o coração voltados para o alto e para o futuro, é determinante lembrar que somos uma Igreja peregrina. De nada nos adiantam as seguranças humanas ou qualquer tipo de blindagem mundana, dado que nossa confiança está em Cristo Vivo (2Tm 1, 12). Ele, o Senhor da vida e da história, é o fundamento e a razão de ser de toda nossa ação pastoral. Nosso agir leva o seu modo samaritano de se inclinar para servir as dores humanas com o óleo da alegria e o vinho novo da consolação e da misericórdia. Trata-se, portanto, de seguirmos os passos do Divino Mestre que nos deu o exemplo (Jo 13, 1-17).

32. Habitar a cidade com a alegria do Evangelho é muito mais do que multiplicarmos ações ou eventos. A “cidade” que precisamos evangelizar em primeiro lugar é o nosso coração. Não tenhamos ilusões, sem uma conversão do nosso modo de olhar e de viver a realidade, nada mudará, nos repetiremos apenas nas lamentações já habituais e no modo enfadonho com que tantas vezes propomos Cristo e o seu Evangelho. Não se trata, caros irmãos, de fazer do Evangelho e da vida cristã um intimismo piedoso privado de qualquer contato com a realidade, isso é uma tentação gravíssima do nosso tempo já denunciada pelo Papa Francisco (GE 36-62). O que o Evangelho nos pede é que sejamos sal e luz, oferecendo sentido e sabedoria a todos os que anseiam

⁴ João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, de 06 de janeiro de 2001, nº 43.

por uma vida digna e habitada pela eternidade.

33. Não estamos sozinhos! Essa é uma convicção que gostaria de compartilhar com todos. Somos a Igreja, que caminha na Arquidiocese da Paraíba e na comunhão, que nasce da fé, somos todos convocados para, de acordo com a graça e vocação de cada um, servirmos a unidade e a missão da Igreja. Todos somos chamados e enviados, como recentemente nos recordava o lema do mês missionário extraordinário. Por isso, “o mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”⁵. É esse também o nosso caminho.

Um novo Plano pastoral

34. Toda vida eclesial se nutre do Pão da Palavra e da Eucaristia. Sem estas duas mesas, nossa vida pastoral torna-se anêmica, isto é, facilmente nos tornamos tarefeiros de coisas religiosas, mas não discípulos missionários. Em nossa última Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, após intenso diálogo e votações, estabelecemos algumas prioridades que acolhi com profunda gratidão e que, como prometido, gostaria agora de propor a todos como Plano Pastoral para os próximos anos. Faço-o também em comunhão com o caminho pastoral preconizado pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil da CNBB, estimulando todos a construir comunidades eclesiais missionárias, que tenham como pilares de sustentação: O Pão, a Palavra, a Caridade e a Ação Missionária (DGAE nº 8).

A Palavra que nos inspira: *Lucas 10, 1-42*

35. Animam o nosso Plano Pastoral a certeza e a convicção de que Deus vive na cidade e nos chama a habitá-la com a alegria do Evangelho.

⁵ Papa Francisco, Discurso no Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015.

Conscientes de que somos uma Igreja peregrina e samaritana, proponho, como Palavra inspiradora para este caminho pastoral 2020-2023, o capítulo 10 do Evangelho de São Lucas. Nele encontramos um itinerário simples, que alimenta a nossa oração e ilumina nossa ação pastoral com 6 convicções fundamentais:

1. Toda missão é envio de Jesus;
2. A missão nos faz contemplativos da ação de Deus no mundo;
3. Os frutos da missão nos fazem sempre voltar ao encontro com o Mestre (contemplativos de Jesus);
4. O discípulo missionário é aquele que conhece “os segredos do coração de Deus”;
5. O discípulo missionário é aquele que se enche de compaixão e cura as feridas dos irmãos;
6. Somente pode ser discípulo aquele que escuta a Palavra do Mestre.

Para que esta Palavra produza frutos abundantes em todos, sugiro que se organize, no início do Ano pastoral, em todas as Foranias e nas paróquias, um momento de Leitura Orante da Palavra ou de vigília que tenha como base Lc 10, para criarmos aquela sintonia espiritual que se faz necessária para a escuta e o discernimento da vontade de Deus em nossa Igreja Arquidiocesana.

O itinerário e as prioridades que seguiremos

36. Gostaria de lembrar ainda que a Palavra de Deus que escolhemos como texto inspirador e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil da CNBB perpassam todo nosso plano como referência essencial. Nelas encontramos uma reflexão muito densa sobre a urgência da evangelização em contexto urbano, torna-se, portanto, fundamental que as paróquias, comunidades e grupos realizem um dia de estudo de aprofundamento das diretrizes, com vista a não perdermos aquela sintonia e comunhão que são essenciais para a vida da Igreja.

37. Para melhor nos organizarmos, antecipo aqui os pilares que trataremos em cada um dos anos que estão por vir. Recordo a todos que, oportunamente, a Coordenação de Pastoral da Arquidiocese nos apresentará a programação pastoral para cada ano, indicando nessa programação aquelas iniciativas ou atividades, de âmbito arquidiocesano, nas quais todos somos chamados a participar com renovado empenho e entusiasmo; nessa mesma programação serão apresentadas também as iniciativas em nível de Forania, centradas na Catequese, Formação, Família e Vida, Juventude, Ação Social, Ação Missionária. Não se trata apenas de sabermos uns dos outros, trata-se de nos comprometermos uns com os outros num caminho evangelizador de renovação da vida, das paróquias e das nossas cidades. Eis, então, os pilares que seguiremos:

Ano 2020 – O Pilar do Pão e da Caridade

38. Fortemente estimulados pela Campanha da Fraternidade, tendo em conta todo dinamismo de preparação e vivência do Congresso Eucarístico Nacional, que decorrerá na Arquidiocese Olinda e Recife, bem como a necessidade de nos redescobrirmos como uma Igreja, cada vez mais, Samaritana, tomaremos como texto bíblico de referência **Lc 10, 25-37**. Nosso lema será: “Vai, e faze tu o mesmo”.

Em nossa Assembleia, decidimos sinodalmente que: a) considerando o Congresso Eucarístico Nacional, propomos que **se realizem nas paróquias uma semana Eucarística Missionária**, culminando com um encontro em cada Forania com a presença do Arcebispo, padres, leigos, diáconos, religiosos e religiosas. E ainda, b) que **se fortaleça a Equipe Arquidiocesana de Liturgia** para maior promoção de formação nas Foranias e paróquias sobre cantos litúrgicos, ritos litúrgicos e tempos litúrgicos. c) Maior **divulgação e descentralização da Escola Fé e Política** Dom Pedro Casaldáliga; d) promoção **do Estudo da Doutrina Social da Igreja nas Foranias**. Convoco a todos para que, ao longo de 2020, implantemos com firme ousadia e com humilde comunhão eclesial estas decisões.

Ano 2021 – O Pilar da Palavra

39. Na continuidade dos dinamismos propostos para 2020, seguiremos o percurso e, em 2021, nos concentraremos ao redor do Pilar da Palavra. Buscaremos ao longo do ano crescer no amor, na escuta, no estudo e na meditação da Palavra de Deus. Tomaremos, como texto bíblico de referência, **Lucas 10, 38-42**. Nosso lema será: “Uma só coisa é necessária”.

Em nossa Assembleia, decidimos sinodalmente: a) Criar **material unificado para animação bíblico-catequético**, priorizando a iniciação cristã considerando a metodologia de cada etapa/idade; b) Incentivar a *lectio* divina (círculos bíblicos) nas comunidades domésticas; c) criar/consolidar **escolas de formação permanente por Foranias**. Convoco a todos para que, ao longo de 2021, sigamos com entusiasmo evangelizador na implantação destas decisões.

2022 – O Pilar da Ação Missionária

40. Na continuidade dos dinamismos iniciados em 2020 e vivenciados em 2021, nos concentraremos em 2022 ao redor do Pilar da Ação Missionária. Buscaremos ao longo do ano crescer na consciência de que somos discípulos missionários, retomando assim o entusiasmo evangelizador suscitado pelo Documento de Aparecida e pela *Evangelii Gaudium*. Tomaremos como texto bíblico de referência **Lucas 10, 1-24**. Nosso lema será: “Ide, eis que vos envio”.

Em 2022, estaremos celebrando com toda Igreja o 60º aniversário do início do Concílio Vaticano II. Para assinalar essa data, e juntos comemorarmos com entusiasmo evangelizador a primavera eclesial suscitada pelo Concílio, realizaremos na Arquidiocese nosso primeiro **Congresso Missionário Arquidiocesano**.

Além disso, em nossa Assembleia, decidimos sinodalmente: a) estimular a **missão entre igrejas irmãs** através do envio de leigos, religiosos e presbíteros. b) **Realização das Santas Missões** ao longo do ano nas

comunidades que, em conselho pastoral paroquial, decidam assumir esta iniciativa com seus párocos; c) **Fortalecer e ampliar a equipe do COMIDI**; d) **Criar uma equipe** com os padres, diáconos, seminaristas, religiosas e religiosos e leigos para, em articulação com as Foranias, **fazer um diagnóstico das áreas de missão urbana e rural** e, a partir do diagnóstico, **elaborar um plano de ação missionária para ser apresentado ao Arcebispo** e aos respectivos conselhos. Convoco a todos para que, ao longo de 2022, vivamos intensamente uma comunhão missionária que nos permita a implantação destas decisões.

2023 – Ano de avaliação pastoral em perspectiva de um novo plano pastoral

41. Na fiel tradição da Igreja, avaliar é sempre momento fundamental para consolidar e avançar para águas mais profundas. Nesse sentido, o ano de 2023 será um ano de avaliação pastoral do caminho percorrido, consolidação do discernimento em relação às prioridades futuras e, na comunhão com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil da CNBB, faremos em nossa Assembleia Arquidiocesana um grande momento de reflexão com vista à elaboração de um novo plano pastoral.

CONCLUSÃO

Com Maria, discípulos missionários da Alegria do Evangelho

42. A Virgem Maria, com sua ternura de Mãe e discípula, acompanha esta nossa Igreja Arquidiocesana da Paraíba com particular afeto e predileção. Em Maria, a serva fiel, encontramos sempre um refúgio seguro nas horas de maior dificuldade ou angústia e, na hora da alegria, encontramos nela o regaço materno que nos conduz até Deus e nos faz experimentar, de coração agradecido, as maravilhas do Deus Altíssimo. Maria é a Igreja concretizada, na sua fidelidade a Deus, ela nos testemunha e nos chama a encontrar Nele o único absoluto de nossas vidas. Com sua simplicidade, ela nos leva pela mão até Jesus, e nos apresenta a Ele para que, mergulhando em seu Sagrado coração, possamos experimentar em nossas vidas a imensidão de Sua misericórdia, que é eterna. Com sua intercessão, ela, a Esposa do Espírito Santo, nos pede para deixarmos dilatar as fronteiras do nosso coração e nos abirmos à graça infinita de nos sentirmos todos, chamados e convocados, para sermos discípulos missionários da Alegria do Evangelho.

43. Com Maria e como Maria, queremos também nós *habitar a cidade com a alegria do Evangelho*. Certos da sua poderosa intercessão, confiemos ao seu Imaculado coração o Plano Pastoral, que agora apresentamos e, rezemos, semanalmente, ao longo de 2020, em nossas paróquias, antes da bênção final de cada Eucaristia, esta oração que a todos confio com o firme desejo de, com todos, sermos uma Igreja Arquidiocesana habitada pela Alegria do Evangelho:

Ó Virgem Maria, Mãe do Povo de Deus,

*Olha com particular predileção para o teu povo reunido em nome da
Trindade Santa*


E consolida em nossos corações a Alegria do Evangelho.

Mãe do Silêncio e da Contemplação,

*Desperta em nós a ousadia de buscar caminhos novos para a
evangelização,*

*Ensina-nos a redescobrir a paixão pelo Reino
E a seguir Jesus no serviço aos pobres.
Faz que toquemos todas as realidades
Com a mesma ternura e compaixão
com que cuidaste do Cristo
desde a manjedoura de Belém até ao altar da cruz.
Mãe da Igreja e perfeita discípula,
a quem veneramos como Senhora das Neves, nossa Excelsa padroeira,
Ensina-nos a habitar a cidade com a alegria do Evangelho,
E suscita, em todos nós,
O ardente desejo de sermos Comunidades Eclesiais Missionárias,
Que dão testemunho fiel de Jesus Cristo,
Caminho, Verdade e Vida do mundo.
Amém.*

João Pessoa, 22 de fevereiro de 2020,
festa litúrgica da Cátedra de S. Pedro, Apóstolo.

+ 
+ Dom Frei Manoel Delson Pedreira da Cruz, OFM Cap
Arcebispo Metropolitano da Paraíba



ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA

Cúria Metropolitana / Palácio do Carmo - Praça Dom Adauto, s/n - Centro
58010-670 - João Pessoa (PB) - Tel.: (83) 3133-1000 – Fax: (83) 3133-1029

www.arquidiocese.pb.org.br

  @arqipb